

Anais do IV Congresso Nacional de Pesquisadores em Dança - ANDA
"Formação em Dança: estratégias de emancipação."

Goiânia - 2016

ISSN: 2238-1112

Para citar esse documento:

CLAUNIDO, Gessyca Renata de Lima; MIRANDA, Lia Regina Costa de; NEVES, André Luiz Machado das. Medicalização da vida e da educação: implicações do ensino de dança. *Anais do IV Congresso Nacional de Pesquisadores em Dança*. Goiânia: ANDA, 2016. p. 213-220.



www.portalanda.org.br

Apoio:



MEDICALIZAÇÃO DA VIDA E DA EDUCAÇÃO: IMPLICAÇÕES DO ENSINO DA DANÇA

André Luiz Machado das Neves¹ (UEA)*
Gessyca Renata de Lima Claudino² (UEA)[†]
Lia Regina Costa de Miranda³ (UEA)[‡]

RESUMO: O discurso social moderno a partir da medicalização tem submetido os sujeitos de nossa sociedade a um modelo de educação, priorizando o controle e a disciplina. A escola e a sua construção sócio-histórica carrega o discurso de um "corpo educado" em que aqueles que subvertem essa norma, tendem a serem vistos como alunos indisciplinados e, atualmente, patologizados. Nesse sentido, a dança pode contribuir para o processo de ponderância da medicalização na educação e o ensino da dança pode atuar como a primeira possibilidade de intervenção para alunos considerados *indisciplinados*.

PALAVRAS-CHAVE: Dança, Medicalização, Educação, Patologização.

MEDICALIZATION OF LIFE AND EDUCATION: IMPLICATIONS OF DANCE EDUCATION

ABSTRACT: Drug modern social discourse has submitted the subjects of our society to a model of education, giving priority to control and discipline. The school and its socio-historical construction carries the speech of an "educated body" in which those who subvert this rule, tend to be seen as unruly students and currently pathologized. In this sense, dance contributes to the process of ponderância of medicalization in education and the teaching of dance, can act as the first possibility of intervention for students considered *undisciplined*.

KEYWORDS: Dance, Medicalization, Education, Pathologization.

Introdução

De acordo com Conrad (2007) a medicalização pode ser definida como um processo na qual problemas não médicos passam a ser compreendidos como problemas médicos, frequentemente em termos de doenças ou transtornos. Michel Foucault (2001) foi um dos autores que contribuiu para o debate em torno do tema da medicalização. A medicalização para Foucault (2001) é um dispositivo central do exercício do que se chamaria de biopolítica – exercendo-se por meio da pedagogização do sexo de crianças, da histerização das mulheres, da

psiquiatrização das perversões, conduzindo a uma medicalização minuciosa (e controle) dos corpos, da sexualidade e de múltiplos aspectos da vida. Segundo ele, a dimensão da medicalização no século XX não encontrou limites e incorporou uma função normatizante, pela qual se definiram os limites do normal e patológico.

Nesse âmbito, o discurso social moderno, medicalizador, tem submetido os sujeitos de nossa sociedade a um modelo de viver, de estudar, de se relacionar, priorizando o controle e a disciplina. A escola, foco deste trabalho, e a sua construção sócio-histórica, carrega o discurso de um “corpo educado” em que especialmente aqueles alunos que subvertem essa norma, tendem a serem vistos como alunos indisciplinados e, atualmente, patologizados.

A dança é compreendida como uma arte que pode possibilitar com que o aluno aprenda de diferentes formas e visa explorar as múltiplas potencialidades do mesmo. Nesse sentido, a dança pode contribuir para o processo de ponderância da medicalização na educação e na vida, considerando que o ensino da dança pode atuar como a primeira possibilidade de intervenção para alunos considerados “indisciplinados” ou diagnosticado com algum “distúrbio”.

A dança pode estimular o desenvolvimento físico, cognitivo e psicossocial do ser humano e os aprendizados obtidos nas aulas de dança podem ser levados para outras áreas do conhecimento e do convívio social.

Visando também contribuir no senso crítico do aluno, as aulas de dança podem dialogar e problematizar questões que estão em torno da realidade encontrada pelo grupo social. Nesse sentido, elas podem desconstruir enquadres e ampliar potencialidades de sujeitos que tiveram suas vidas medicalizadas e tiveram suas vidas controladas pelo biopoder. Marques (2003) articula a dança como uma das vias de educação do corpo criador e crítico, tornando-se praticamente indispensável para vivermos presentes, críticos e participantes na sociedade atual.

Frente à essas questões, os autores desse estudo adotaram os referenciais de Michel Foucault e Peter Conrad, considerando que esses autores, foram

pioneiros no estudo da Medicalização no mundo e interligar os mesmo com as afirmações de Isabel Marques, Paulina Ossona e Barros que articulam a dança no contexto Brasil, onde as interfaces da mesma corroboram para uma intervenção no processo de medicalização da vida e da educação.

Este estudo se deu a partir de uma pesquisa bibliográfica, com vista as compreender as principais perspectivas sobre medicalização e como a dança poderia encontrar-se articulada nesta discussão. A busca foi realizada em fontes de dados eletrônicas (PubMed) e Biblioteca Científica Eletrônica Online (SciELO).

Nessa acepção, este trabalho teve como objetivo compreender a partir da literatura, como o ensino da dança pode implicar no processo de intervenção frente a medicalização da vida e da educação.

Aspectos essenciais do conceito de medicalização

A transformação de comportamentos socialmente convencionados como transgressivos e desviantes, em transtornos médicos é o aspecto mais essencial que caracteriza o conceito de medicalização. Também há outros aspectos que retomam a discursão, sendo eles: o controle social que contribui para que os “subversivos” sejam medicalizados e o valor moral negativo considerado numa sociedade como negativo pode ser um potencial para patologização. Frente a isso, apresenta-se a seguir, os conceitos-chave dos aspectos essenciais da medicalização.

Medicalização da vida

Com a busca pelo processo de apropriação e normatização dos aspectos da vida social pela medicina que se iniciou em meados do século XX, os teóricos que estudavam focalizaram-se nas desordens sexuais, desordens morais e desordens mentais, caracterizados pela busca dos desvios.

A medicalização da vida é o segundo polo do biopoder abordado por Foucault, estas questões de controle dos indivíduos através da medicina; as novas técnicas terapêuticas e a incorporação de aspectos da condição humana no âmbito social, econômico e existencial aos diagnósticos, cura, terapia e patologias médicas reforçam aspectos da biopolítica.

Com as várias formas de apresentação do sofrimento – delinquência, homossexualismos, gravidez na infância e na adolescência, indisciplina e etc.- se transformando em processos com necessidades médicas. A dependência dos sujeitos por medicações cresce e as indústrias farmacêuticas incentivam a dependência pelos serviços de saúde e isto perdura-se e cresce diariamente. “Essa transferência de papéis é feita, muitas vezes, por quem tem o poder nas mãos, com o intuito de tirar a sua própria responsabilidade e passar para outras áreas”. (MOYSÉS; COLLARES, 2013, p.14). A medicalização da vida desperta reflexões nos discursos sociais e humanos, sob múltiplos olhares, os quais focam - se nos efeitos e impactos dos saberes, técnicas e intervenções da medicina sobre a normatização da vida, sem se restringir apenas aos impactos negativos da mesma e ainda sim atentando para a forma com que incidem sobre as condições de saúde individual e coletiva da sociedade.

Medicalização da educação

Ainda no início do século XX, quando médicos higienistas “investiram nas diversas instituições brasileiras, como escolas e famílias, com o intuito de transformar o indivíduo e seu corpo, bem como seus hábitos e costumes” (SAPIA, 2013, p. 23), a partir disso foram observando doenças de cunho higiênico e também sobre aprendizagem. Com essa prática observou-se a inversão de questões sociais para questões biológicas igualando o mundo e isentando suas responsabilidades perpetuando, assim, tais problemas.

Aqueles que essas normas de um comportamento *socialmente hábil* tendem a conviver em situações de exclusão social ou até mesmo na condição de patologizados ou uma *bioidentidade* como é o caso das pessoas com diagnóstico de

TDAH, Dislexia e outras construções sociais dos saberes *psís* no Brasil. Os problemas neurológicos e o não aprender, ou até mesmo os comportamentos de forma incoerente no ambiente escolar, está fortemente associado no cotidiano e no contingente de alunos, "A medicina afirma que os graves - e crônicos - problemas do sistema educacional seriam decorrentes de doenças que ela, medicina, seria capaz de resolver; cria, assim, a demanda por seus serviços, ampliando a medicalização." (MOYSÉS; COLLARES, 2013, p. 15), com isso as mesmas vêm apontando em seus estudos várias expressões desse processo de biologização.

Ensino de dança e suas múltiplas possibilidades no contexto escolar.

As artes, e, por sua vez, a dança, vem contribuir positivamente no desenvolvimento biopsicossocial do ser humano. Pois, o momento do ensino da dança, seria um lugar legitimado para o movimento, para externalizar a energia e o imaginário do indivíduo de modo que, conforme afirma Barros (2003), o corpo através da dança permitirá a otimização das possibilidades para atingir os objetivos relacionados à educação indo além de padrões normatizadores que a escola/educação tenta impor.

O ensino da dança no Brasil até uma década atrás dava-se em locais privilegiados como academias e escolas de dança, em sua maior parte de caráter privado. Contudo após os Parâmetros Curriculares Nacionais de acordo com a LDB nº 9394/96, a linguagem das artes passou a ser obrigatória no âmbito escolar, com isso, a dança, é uma opção de linguagem artística a ser trabalhada na escola. Nesse sentido, a dança faz - se presente nas escolas brasileiras e contribui direta e indiretamente para o desenvolvimento cognitivo dos sujeitos.

Segundo Marques (1997), é nesta perspectiva da diversidade e da multiplicidade de propostas e ações que caracterizam o mundo contemporâneo que seria interessante lançarmos um olhar sobre a dança na escola e pontuar suas relevâncias para o sujeito que tem contato com a mesma. Assim, "através da arte o homem encontra sentidos que não podem se dar de outra maneira senão por ela

própria" (DUARTE, 1988, p. 16). Utilizando destas particularidades da dança enquanto processo de aprendizagem que reverbera em outras áreas da vida, mostrando suas facetas e contribuindo para a formação de um indivíduo crítico, que a medicalização pode ser mais bem usada nas escolas brasileiras, pois receber uma problemática e a sujeitar como um problema médico de imediato tende a ser tanto errôneo quanto assertivo, mas ter certeza de que é necessário encaminhar o indivíduo para um tratamento ou análise psicológica é uma atitude firmativa e neste contexto a dança entra como procedimento corroborativo para fazer o aluno experimentar aulas fora do padrão de ensino militarista e sala de aula comum para então perceber se aquele aluno rotulado com as *psis* necessita ser encaminhado pelos professores a outros procedimentos. Deste modo,

É possível obter-se auto-conceito, auto-realização e auto-confiança através da experiência de movimentos que ofereça a oportunidade de: mover-se; aprender por meio de movimentos; ser criativo através do movimento; aprender modelos rítmicos de movimento; descrever ao manipular o corpo as várias relações espaciais; aprender padrões básicos de dança e combinar atividades de movimentos com a música, a arte, a ciência, a matemática e a linguagem artística. (CARBONEIRA e CARBONEIRA, 2008, p. 08).

A escola pode, sim, dar parâmetros para sistematização e apropriação crítica, consciente e transformadora dos conteúdos específicos da dança e, portanto, da sociedade. Nesse sentido, a dança contribui para o processo de ponderância da medicalização na educação e que o ensino da dança, pode atuar como a primeira possibilidade para alunos considerados *indisciplinados*.

Considerações sobre ensino de Dança e Medicalização: interfaces.

O ensino da dança na escola é uma possibilidade além da medicalização para ampliar e complementar a visão de um sujeito que vive em transformação e que não é estanque. Um sujeito de *tornar-se* e não de normatizar-se. "A dança, como forma de arte, está engajada com o sentimento cognitivo e não somente com o sentimento afetivo – ou liberar de emoções (MARQUES, 2003, p.25)."

A medicalização não possui necessariamente uma implicação negativa, ela pode ter vantagens e desvantagens.

Contudo, tem se visto na escola um crescente processo de patologização. Atualmente, vem sendo muito presente no contexto escolar o discurso rotineiro de *diagnósticos* de professores. A saber: *hiperativo, tem dislexia, possui TDAH e até mesmo desvio de personalidade*. Destaca-se, portanto, que cada pessoa tem seu processo de maturação de forma diferenciada. O ensino da dança, nesse aspecto, intervém no meio expressivo e crítico da figura humana, fomentando suas particularidades de forma positiva. Aquela criança que outrora fora *diagnosticada - medicalizada - patologizada* com alguma dificuldade de aprendizagem ou comportamento/disciplina, pode ser melhor compreendida em uma aula de expressão corporal, onde vão ser fomentados a liberdade de movimento, a fala e sua inquietação será direcionada para a problematização dos valores morais vivenciados e/ou impostos pela sociedade atual.

Referências:

- BARROS, J. M. de C. **Considerações sobre o estágio na formação do profissional de educação física** In: E.F . n. 8, Rio de Janeiro: Conselho, Ano II, 29, 2003.
- CARBONERA, D & SERGIO ANTONIO CARBONERA, S.A. **A importância da dança no contexto escolar**. Cascavel: Cortez. 2008.
- CONRAD, Peter . **The meaning of medications: another look at compliance**. **Soc Sci Med**, 2007.
- DUARTE JR., J. F. **Fundamentos estéticos da educação**. Campinas: Papyrus, 1988.
- FOUCAUL T, Michel. **Os anormais**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- LABAN, Rudolf. **Domínio do movimento**. São Paulo: Summus, 1978.
- MARQUES, I.A. **Dançando na escola: Textos e contextos**. São Paulo: Cortez. 1997.
- MOYSÉS, M. A. A. **A institucionalização invisível – crianças que não aprendem na escola**. Campinas, SP: F APESP/ Mercado de Letras, 2001.
- OSSONA, Paulina. **A educação pela dança**. São Paulo, Summus, 1988.

MOYSÉS, Maria A. A., COLLARES, Cecília A. L. **Controle e medicalização da infância.** Revista Desidades, n.1, ano 1. Dez 2013. NIPIAC. UFRJ.

SAPIA, Luna Pereira. **Medicalização na educação: a neurologia na construção dos diagnósticos de distúrbios de aprendizagem.** 2013. 171 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Fundação Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 17 set. 2013.

* Professor da Universidade do Estado do Amazonas. Doutorando em Saúde Coletiva pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. andre_machadostm@hotmail.com

† Estudante de Licenciatura em Dança da Universidade do Estado do Amazonas – UEA. gessycarenata93@gmail.com

‡ Estudante de Licenciatura em Dança da Universidade do Estado do Amazonas– UEA. liaregin@hotmail.com